

QUANDO TODO SOFRIMENTO GANHA UM DIAGNÓSTICO: PRECISAMOS CONVERSAR SOBRE ISSO

Há algum tempo venho observando, dentro e fora da igreja, um fenômeno que tem me causado crescente preocupação pastoral. A linguagem dos transtornos mentais deixou os consultórios e passou a ocupar as conversas mais comuns da vida. Termos que antes pertenciam principalmente ao vocabulário de médicos, cientistas da área, agora aparecem na praça: escolas, famílias, ambientes de trabalho, redes sociais e também entre os cristãos. Numa espécie de escalada da patologização, ansiedade virou rapidamente transtorno de ansiedade; tristeza começa a ser interpretada como depressão; dificuldade de concentração desperta suspeita imediata de TDAH; uma criança mais inquieta logo é observada pela possibilidade de algum transtorno; experiências dolorosas são rapidamente chamadas de traumas.

Não escrevo isso para negar os transtornos mentais. Muito menos para constranger quem recebeu um diagnóstico, realiza acompanhamento médico ou faz uso de medicamentos. Existem enfermidades graves, quadros profundamente incapacitantes e pessoas que precisam de cuidado especializado. Uma igreja que ignorasse essa realidade acrescentaria peso ao sofrimento de gente que já carrega fardos bastante pesados. Minha preocupação está em outro lugar. Preocupa-me a velocidade com que temos transformado sofrimento em patologia. A necessidade crescente de encontrar uma categoria clínica para explicar praticamente toda dificuldade humana, isso me preocupa. De igual modo, quando um laudo deixa de auxiliar na compreensão de uma condição e começa a oferecer uma explicação completa da pessoa ou quando crianças e adolescentes começam muito cedo a aprender a interpretar a si mesmos principalmente por meio de categorias diagnósticas. E preocupa-me particularmente quando essa forma de compreender o ser humano entra na igreja sem que façamos perguntas bíblicas mais profundas sobre aquilo que somos.

Nos últimos anos, tenho ouvido frases que, tomadas isoladamente, parecem comuns: “Eu sou ansioso”, “Eu tenho TDAH”, “Eu sou depressivo”, “Eu funciono assim por causa do meu transtorno”, entre outras. Essas frases podem expressar sofrimentos reais. Não devemos zombar delas nem responder com simplificações. Ao mesmo tempo, precisamos perceber que algo importante acontece quando passamos de “estou enfrentando uma dificuldade” para “essa dificuldade diz quem eu sou”. É aí que o terreno se torna movediço. Em muitos casos, o diagnóstico deixou de funcionar apenas como descrição de uma condição e passou também a participar da construção da identidade. Foi por isso que me chamou atenção uma matéria publicada pela revista VEJA, em 2 de setembro de 2026, com um título bastante provocativo: “Diante de uma epidemia de diagnósticos, psicóloga defende distinguir sofrimento de transtorno mental”. A reportagem apresenta o trabalho da psicóloga Flávia Albuquerque, autora do livro *Despatologiza - A vida que não cabe no diagnóstico psiquiátrico*. Sua crítica dirige-se ao que entende como uma crescente patologização da experiência humana e à transformação de sofrimentos, diferenças e dificuldades em categorias psiquiátricas. A entrevista reconhece que um diagnóstico pode trazer alívio, ajudar alguém a compreender aquilo que vive e até permitir acesso a cuidados importantes. Ao mesmo tempo, levanta uma questão desconfortável: o que acontece quando precisamos de um diagnóstico para validar praticamente todo sofrimento?

A crítica de Flávia Albuquerque ao excesso de patologização toca em questões que também deveriam preocupar os cristãos, embora cheguemos a elas por um caminho diferente e não compartilhemos a antropologia que sustenta sua análise. Sua leitura privilegia as determinações

históricas, sociais e políticas do sofrimento. A Escritura, entretanto, nos convida a enxergar o cerne: somos criaturas corporais e espirituais, feitas à imagem de Deus, inseridas numa sociedade e numa história, atingidas pelo sofrimento e pelo pecado, moralmente responsáveis diante de Deus e necessitadas da redenção que somente Cristo oferece.

Mas por que achei a matéria relevante? Porque a preocupação com o excesso de classificações não está restrita a pastores desconfiados da psicologia ou a cristãos que desejam defender uma determinada compreensão do ser humano. A própria reportagem menciona Allen Frances, psiquiatra que presidiu a força-tarefa responsável pela elaboração do DSM-IV e que posteriormente se tornou um crítico conhecido da expansão das categorias diagnósticas. Isso deveria, no mínimo, nos fazer pensar. Estamos diante de uma geração que finalmente aprendeu a falar sobre sofrimento psicológico, e isso possui aspectos profundamente positivos. Durante muito tempo, pessoas sofreram caladas; depressão foi chamada de preguiça; crises intensas de ansiedade foram tratadas simplesmente como fraqueza; distúrbios sérios foram ignorados; famílias não sabiam onde procurar ajuda; igrejas, algumas vezes, ofereceram respostas rápidas para problemas que exigiam escuta, paciência e cuidado prolongado. A situação gritava pela nossa necessidade de aprender a ouvir melhor, de perder o medo de reconhecer sofrimento psíquico, de compreender que procurar ajuda médica não significa abandonar a fé. Esse aprendizado foi importante.

Mas agora é urgente questionar: *será que o pêndulo está começando a se mover longe demais na direção oposta?* Ou seja, será que passamos de uma sociedade que reconhecia pouco o sofrimento para uma sociedade que tem dificuldade de conceber sofrimento sem classificá-lo como transtorno? Será que estamos perdendo a capacidade de distinguir doença de dor, transtorno de fraqueza, patologia de limitação, sofrimento de pecado, e até mesmo dificuldades próprias da maturidade de condições clínicas? Será que todo medo precisa ser interpretado como transtorno de ansiedade? A meu juízo, esses questionamentos são necessários. E ainda vou um pouco mais longe: é sério que toda tristeza prolongada é necessariamente depressão clínica? Que toda distração revela TDAH? Que toda criança inquieta possui um transtorno? O que acontece conosco quando o diagnóstico deixa de dizer algo que temos e começa a dizer quem somos?

Essas questões não deveriam produzir uma guerra entre Bíblia e medicina. Não caia nessa armadilha. Estamos falando acerca de pessoas criadas à imagem de Deus, da vida real nesse mundo quebrado, de corações que desejam e temem, que pecam e também sofrem os pecados dos outros. Enfim, acerca de homens e mulheres procurando uma explicação para dores que algumas vezes mal conseguem colocar em palavras. Por essa razão quero convidá-lo a pensar comigo. Não a partir da pergunta simplista: “diagnósticos psiquiátricos são bons ou ruins?” Esse tipo de pergunta nos levaria muito pouco adiante. Devemos fazer perguntas mais profundas, como, por exemplo:

1. Que visão de ser humano está por trás da maneira como interpretamos nosso sofrimento?
2. Quanto de uma pessoa um diagnóstico consegue realmente explicar?
3. Existe sofrimento que precisa ser acolhido sem necessariamente ser transformado em doença?
4. Como distinguir alguém que precisa de confrontação de alguém que precisa de consolo?
5. Como saber quando estamos diante de pecado, fraqueza, sofrimento, enfermidade ou de várias dessas realidades acontecendo ao mesmo tempo?
6. E, acima de tudo, onde o Evangelho entra nessa conversa?

Minha consciência de vaso de barro aponta para uma discussão anterior à própria questão dos transtornos, a saber, afinal, o que é o ser humano? Portanto, se quisermos, com honestidade intelectual, lançar alguma luz sobre essa densa floresta, é a partir desse ponto que nossa conversa precisa começar.

Que Deus nos ajude a pensar biblicamente e, conseqüentemente, a interpretar a vida e tudo o mais à luz de Sua Palavra. Na próxima semana, com a graça divina, daremos continuidade a essa responsável conversa.

Em Cristo Jesus, Pr. Samuel Santos Bezerra

AVISOS

Reuniões Virtuais:

Refúgio Matinal e ED – Domingo, 8h30.

Link enviado no grupo de WhatsApp todo domingo.

Culto Vespertino – Domingo, 18h.

[Clique aqui para acessar.](#)

Grupo Familiar (Adolescentes e Jovens) - Segunda-feira, 20h.

[Clique aqui para acessar.](#)

Discipulado – Quinta-feira, 20h.

[Clique aqui para acessar.](#)

Dízimos e Ofertas:

Orientamos aos irmãos que participem com seus dízimos e ofertas via transferência eletrônica (Banco Itaú, Agência: 0180, C/C 02249-3).

Instituto Vida em Ação (Ofertas):

As ofertas direcionadas ao Instituto devem ser entregues em conta bancária específica: Banco Itaú, Agência: 7129, C/C 17339-4, PIX CNPJ: 19.053.904/0001-03.

Principais Motivos de Oração:

Nossa igreja e congregações: Conselho e obreiros, Junta Diaconal; Instituto Vida em Ação; Congregações Vale de Esperança e Miracatu; Brasil presbiteriano; famílias; para que Deus nos faça uma igreja discipuladora, que tenha Cristo como sua máxima admiração / paixão / devoção.

Missões: Igreja Presbiteriana em Buerarema (Rev. Eliomário e família); Iglesia Presbiteriana da Argentina em Rubén Paz (Rev. Wilton e família); 5ª Igreja Porto Alegre (Rev. Alceu Petró Jr. e família); Tramandaí (Rev. Fábio e família); Nova Zelândia (Rev. Cláudio e família); Panamá (Rev. Raimundo, Veridiana e Felipe); Guaraqueçaba (Rev. Manoel e família).

Brasil: pelos poderes constituintes em nossa pátria (Executivo, Legislativo e Judiciário); pela questão econômica, educacional, laboral e profissionais da saúde.

Por motivo de saúde: Arlete, Geissi, Nathalia, Larissa, Hulda, Dc. Adenilson, Oswaldo, Geni, Onilce, Kalliane, Renata.

Trabalhadores: sustento econômico das famílias (empregadores e empregados);

Gratidão: aniversariantes da semana.

Aniversariantes:

14/09: Mário Nascimento – Tel.: 95106-7429

15/09: Bianca Moraes – Tel.: 95346-4971

17/09: Raphael Silva

Escalas:

Junta Diaconal:

13/09: Edson, Arlindo, David e Fábio

17/09: David

19/09: Thiago, Marcos, Ademar e Hernandes

Audiovisual:

13/09: Leonardo, Pedro, Ingrid e Isly

18 e 19/09: Jonatas

EQUIPE PASTORAL:

Rev. Samuel Santos Bezerra

Rev. Addy Carvalho Jr.

Rev. Christian Brially Tavares de Medeiros

Lic. Diego David Torres

Sem. Douglas de Araújo Pestana

Sem. José Paulo Dos Santos

Sem. Arthur Oliveira Montenegro

PASTOR EMÉRITO DE SAUDOSA MEMÓRIA:

Rev. Luthero de Aguiar

PRESBÍTEROS:

conselho@ipbetel.org.br:

Arnaldo Moreira Borja (Emérito)

Joel de Sousa Reis (Emérito)

Divonzir da Silva Gomes

Isaías Vidal de Souza

José Carlos Mangueira Dantas

Arnaldo Vinícius Areias Borja

Wilson Reis Ruas

Christian Peter Dalhuisen

PRESBÍTERO EMÉRITO DE SAUDOSA

MEMÓRIA:

Luis Carlos Capasso

DIÁCONOS:

juntadiaconal@ipbetel.org.br

Ademar Ferreira dos Santos (Emérito)

Adenilson Paulo Barbosa

Arlindo de Freitas (Emérito)

Fábio Luis da Silva

Helio Santiago Serra

David Freitas

Hernandes Pereira da Silva

Jiovany da Silva Nobrega

João Henrique dos Reis

Edson de Jesus Fonseca

Daniel Amancio Vidal de Souza

Marcos Nicacio de Oliveira

Adriano de Souza França

Thiago Frederico da Silva

Edreson Gomes da Silva

DIÁCONOS EMÉRITOS DE SAUDOSA MEMÓRIA:

Vandir Batista Gomes

Élcio Ferreira

BOLETIM: Isly (94311-0233), Aline (93349-3501) e
Larissa (95730-6517)

www.ipbetel.org.br

Rua Antônio Dias da Silva, 486 - Vila Amália -
São Paulo/SP - (11) 2233-3232

Facebook: fb.com/ipbetelOficial

Instagram: instagram.com/ipbeteloficial

YouTube: youtube/ipbeteloficial